

Dez anos de Antropologia da Educação na América Latina: uma análise das Reuniões de Antropologia do Mercosul (RAM) entre 2011 e 2019

*Ten Years of Anthropology of Education
in Latin America: an analysis
of the Mercosur Anthropology Meetings
(RAM) between 2011 and 2019*

■ Amurabi Oliveira

RESUMO

O desenvolvimento da antropologia da educação na América Latina tem ocorrido de forma heterogênea nos diversos países da região, refletindo, assim, os desafios institucionais existentes em cada contexto. Soma-se a esse cenário a intensificação da circulação de pesquisadores nas últimas décadas, o que tem sido consolidado através de eventos acadêmicos como o Congresso Latino-Americano de Antropologia e a Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM). Neste artigo, proponho-me a analisar o debate sobre antropologia e educação nas últimas edições da RAM (2011-2019), destacando os grupos de trabalho nessa temática. Observou-se a continuidade dessa discussão em todas as edições analisadas, destacando-se o debate sobre educação escolar indígena, assim como a presença constante de pesquisadores da Universidade de Buenos Aires.

Palavras-chave

Reunião de Antropologia do Mercosul. Antropologia da educação. Antropologia latino-americana. Pesquisa educacional.

ABSTRACT

The development of the anthropology of education in Latin America has occurred in a heterogeneous way in the different countries of the region, thus reflecting the institutional challenges that exist in each context. Added to this scenario is the intensification of the circulation of researchers in recent decades, which has been consolidated through academic events such as the Latin American Anthropology Congress and the Mercosur Anthropology Meeting (RAM). In this article, I propose to analyze the debate on anthropology and education in the latest editions of RAM (2011-2019), highlighting the working groups on this topic. The continuity of this discussion was observed in all analyzed editions, highlighting the debate on indigenous school education and the constant presence of researchers from the University of Buenos Aires.

Keywords

Mercosur Anthropology Meeting. Anthropology of education. Latin American anthropology. Educational research.

Introdução

O debate sobre a relação entre antropologia e educação não é algo recente, remetendo aos fundadores deste campo que mantiveram em seu horizonte uma reflexão sobre os processos de ensino e de aprendizagem em distintas sociedades. Na América Latina, essa discussão tem se mantido numa forte interface com as populações locais, reforçando os vínculos existentes entre os antropólogos e seus sujeitos de pesquisa nessa região, constituindo o que tem sido denominado de “antropólogo cidadão” (JIMENO e ARIAS, 2011).

O processo de profissionalização da antropologia nos diferentes países também implicou movimentos complexos de aproximação e distanciamento com relação à educação, uma vez que, em alguns países, a antropologia passou a constituir uma parte relevante da formação de professores; em outros, assumiu um lugar mais periférico, representando uma divisão institucional mais profunda entre a formação de antropólogos e a formação de educadores.

Para além do processo de institucionalização da antropologia através da criação de carreiras de graduação e de pós-graduação, houve, ao longo do século XX, o advento de importantes sociedades científicas em diferentes países da América Latina, assim como de eventos acadêmicos que pudessem possibilitar a circulação de pesquisadores. Com a fundação do Mercado Comum do Sul (Mercosul) em 1991 ampliaram-se as possibilidades de circulação de pessoas entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, o que também teve implicações sobre a vida acadêmica dos pesquisadores.

Um marco significativo para a integração acadêmica de antropólogos na América Latina foi a criação da Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), cuja primeira edição ocorreu em 1995. Esse evento tem sido realizado de forma bianual desde então, constituindo-se como um dos principais locais de discussão da antropologia latino-americana em seus diversos campos, incluindo-se aí o debate entre a antropologia e a educação. Desde então, outros espaços também foram criados nesse sentido, como a Associação Latino-americana de Antropologia (ALA), fundada em 1990, cujo primeiro congresso ocorreu em 2005¹.

1 Os congresso da ALA ocorreram nas seguintes localidades: Rosário (2005), Costa Rica (2008), Santiago (2012), Cidade do México (2015), Bogotá (2017), 2020 ocorreu na modalidade virtual devido à pandemia do COVID-19, organizado pelo comitê local de Montevidéu.

Neste trabalho, proponho-me a reconstituir a memória das discussões sobre antropologia e educação na América Latina a partir das edições da RAM na última década, destacando a presença de grupos de trabalho (GT) envolvendo esse debate. Notadamente, longe de abarcar toda a discussão que vem ocorrendo na América Latina, esse é um recorte metodológico que visa privilegiar a um importante espaço de discussão da antropologia nesta região, conhecendo-se ainda que tais grupos constituem a atividade que possui a capacidade de agregar o maior número de pesquisadores. O foco recai, portanto, em compreender a dinâmica local das discussões sobre antropologia e educação a partir deste evento, visibilizando o processo de constituição de antropologia da educação latino-americana.

Por uma antropologia latino-americana da educação

A constituição de uma agenda de pesquisa voltada para a antropologia da educação² na América Latina tem sido um processo de longa duração, que se desenvolve de forma heterogênea entre os diferentes países. Nesse cenário, duas experiências institucionais se destacam: a criação, na década de 1970, do Departamento de Investigaciones Educativas (DIE) do Centro de Investigación y de Estudios Avanzados (CINVESTAV) do Instituto Politécnico Nacional (IPN) do México, e, na década de 1990, do Programa de Antropología e Educación da Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina. No Brasil, houve ainda a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), na década de 1950, sob os auspícios de Anísio Teixeira (1900-1971), que visava engajar cientistas sociais às pesquisas educacionais, porém, essa Instituição teve suas atividades interrompidas na década de 1970 durante a ditadura militar³.

Em todo o continente houve também um forte impacto provocado pela obra de Paulo Freire (1921-1997), que representou uma guinada no debate educacional, demandando que os educadores se voltassem para o contexto sociocultural de seus estudantes, o que é considerado por alguns um marco significativo da antropologia da educação na América Latina (ROMERO, 2010).

Também é considerado um trabalho fundamental na América Latina a obra de Justa Ezpeleta e Eliza Rockwell (1986), pesquisadoras do DIE, que lançaram fundamentos para a pesquisa participante em educação, lançando um olhar para o cotidiano das instituições escolares.

2 Compreendo que uma antropologia da educação é uma das possibilidades de interface entre a antropologia e a educação, porém não a única. Quero dizer com isso que não acredito ser possível reduzir o diálogo entre a antropologia à reflexão antropológica sobre o objeto educacional, ainda que isso seja central.

3 Apesar dessas descontinuidades institucionais, é relevante indicar que ao menos no caso brasileiro as pesquisas antropológicas em educação possuem uma longa tradição, remetendo principalmente aos estudos de comunidade (GUSMÃO, 1997).

Esse percurso heterogênero da interface entre a antropologia e a educação na América Latina, associado a outros fatores, implicou, em minha interpretação, a inserção periférica da pesquisa educacional na agenda da antropologia latino-americana. De tal modo que:

(...) a fragmentação institucional da antropologia da educação, justamente como reconhecimento da educação como um objeto de parco prestígio na agenda de pesquisa dessa ciência faz com que haja aqui uma dupla colonialidade, interna e externa, que se desdobra numa condição duplamente periférica antropologia da educação produzida na América Latina. Periférica por ser produzida desde essa região geopolítica, e periférica por ser invisibilizada enquanto campo próprio de investigação antropológica, ainda que este seja um cenário dinâmico e em contínua transformação. (Oliveira, 2020, p. 10).

Apesar dessa condição, inegavelmente a antropologia da educação é um campo em consolidação, especialmente se considerarmos as múltiplas interfaces existentes, incluindo-se aí as pesquisas no campo da educação indígena e do debate entre relações étnico-raciais e educação no sentido mais amplo do termo.

Ainda que este artigo não tenha como objetivo exaurir a discussão sobre antropologia e educação na América Latina, é relevante pontuar essa tensão existente. Ao mesmo tempo em que a antropologia da educação vem se consolidando de forma heterogênea na América Latina, ela também perdura como um tema periférico, refletindo seus desafios institucionais. Nesse cenário, os congressos acadêmicos mostram-se como espaços centrais para a consolidação de agendas de pesquisa, na medida em que agregam pesquisadores de diferentes países e instituições, possibilitando a formação de redes, consolidando determinados agentes e instituições nesse debate.

Os desafios da integração da antropologia no Cone Sul

Como já indicado, a partir da década de 1990, com a criação do Mercosul, houve uma intensificação da circulação de pesquisadores na região, ainda que esse não seja um fenômeno iniciado exclusivamente nesse período, pois já nas décadas anteriores podemos observar um processo de internacionalização das antropologias no Cone Sul, que incluía o Brasil como um destino formativo, considerando a consolidação do sistema de pós-graduação brasileiro mesmo durante o período da ditadura militar entre as décadas de 1960 e 1980 (Isolda, 2018)⁴.

⁴ Mesmo antes desse período, é importante mencionar que a criação em 1957 da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO) em Santiago (Chile) e do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) no Rio de Janeiro (Brasil) também constituíram iniciativas importantes para a integração das ciências sociais na América Latina, ainda que o centro no Brasil tenha tido uma vida mais curta, e que a sociologia tenha ganhado maior proeminência nesse processo.

Considerando-se a formação de associações científicas nacionais de antropologia no Mercosul, temos o seguinte cenário: em 1955 foi fundada a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 1972, o Colegio de Graduados en Antropología de la República de Argentina (CGA), em 2005, Asociación Uruguaya de Antropología Social (AUAS), e em 2017, a Asociación Paraguaya de Antropología (APyA). Essas distintas temporalidades na organização de associações científicas refletem, ao menos em parte, também os diferentes momentos de criação da carreira acadêmica em antropologia nesses países. No Brasil, os cursos de ciências sociais foram criados na década de 1930, consolidando-se como espaço de formação graduada de antropólogos⁵, na Argentina, as primeiras carreiras em antropologia foram criadas em 1958 na UBA e na Universidade Nacional de la Plata (UNLP) (HIDALGO, 2008), no Uruguai, apenas em 1976 foi criado o primeiro bacharelado em antropologia na Universidade da República (UDELAR) (PI HUGARTE, 1997), no Paraguai, ainda não há um curso de graduação em antropologia, perdurando apenas a existência de disciplinas em outros cursos (MELIÀ, 1997).

No caso brasileiro, já na década de 1980, começou a haver a organização de um evento específico voltado para os pesquisadores atuantes na região Sul, denominado ABA-SUL, cuja primeira edição ocorreu em Florianópolis em 1987, tendo sido organizadas ainda mais três edições, em Porto Alegre (1989), Curitiba (1991) e novamente em Florianópolis (1993)⁶. Este evento, que contava com o apoio institucional da ABA, é considerado o embrião da RAM, que passou a agregar também pesquisadores da Argentina e do Uruguai principalmente.

Desde 1995, já foram realizadas 13 edições da RAM, tendo ocorrido nas seguintes cidades: Tramandaí (Brasil), em 1995, Piriápolis (Uruguai), em 1997, Posadas (Argentina), em 1999, Curitiba (Brasil), em 2001, Florianópolis (Brasil), em 2003, Montevidéu (Uruguai), em 2005, Porto Alegre (Brasil), em 2007, Buenos Aires (Argentina), em 2009, Curitiba (Brasil), em 2011, Córdoba (Argentina), em 2013, Montevidéu (Uruguai), em 2015, Posadas (Argentina), em 2017 e Porto Alegre (Brasil), em 2019. Devido à pandemia do COVID-19, não foi realizada a 14^a RAM.

É importante mencionar que há certa dificuldade em constituir uma memória pública das edições da RAM, uma vez que os sites dos eventos deixam de funcionar após algum tempo, e não há um local que agregue informações relativas às edições passadas. Essa ausência

5 A partir dos anos 2000, houve a criação dos primeiros cursos de graduação em antropologia no Brasil, porém os cursos de ciências sociais ainda são o espaço institucional que concentra a formação de antropólogos em nível de graduação.

6 Importante indicar também que, a partir de 1985, passou a ser organizada a Reunião de Antropólogos Norte e Nordeste (Abanne), demarcando assim a existência naquele período de diferentes eventos que contavam com o apoio institucional da ABA.

de memória foi destacada na assembleia geral da XI RAM, realizada em Montevidéu, em 2015, tendo sido aprovada a realização do “Proyecto de recuperación y sistematización de las memorias RAM”, que seria realizado pela AUAS, tendo como membros da equipe as antropólogas Zuleika Cosa (UBA), Argentina e Betty Francia (UDELAR), Uruguai. Durante a XIII RAM, realizada em Porto Alegre em 2019, houve uma mesa intitulada “Memorias de las reuniones de antropología del Mercosur (RAM) I a XI (Resultados de la consultoría de recuperación y sistematización)”, composta por Lydia de Souza (AUAS/ALA/UDELAR), Lelio Nicolás Guigou (UDELAR), Betty Anahí Francia Ramos (UDELAR), Zuleika Crosa (UBA/CONICET) e Lía Ferrero (UBA-UNLP-UNSAM-UNPAZ-ALA), que objetivou divulgar os primeiros resultados dessa sistematização.

Como podemos observar, apesar da intensa circulação de pesquisadores no Cone Sul, ainda há desafios postos para a consolidação de uma real integração de pesquisadores nessa região, porém, a organização da RAM tem se constituído como um espaço central para a realização de trocas e intercâmbio acadêmico. Ao passo que o Congresso Latino-americano de Antropologia ainda está em sua 6^a edição, a RAM possui um acúmulo de experiência de mais de duas décadas, indicando que há um movimento interessante entre as antropologias do Cone Sul, um esforço em se conhecerem mutuamente, realizando um diálogo desde o Sul Global. É importante mencionar ainda que, apesar de a RAM concentrar-se principalmente entre Argentina, Brasil e Uruguai, há uma intensa participação de outros pesquisadores da América Latina nesse evento, demarcando o reconhecimento de sua relevância para além do Cone Sul.

A pesquisa educacional na RAM: agentes e temáticas

Como já indicado, há uma dificuldade em encontrarmos os anais das edições anteriores da RAM, ou mesmo sites das edições passadas ainda funcionando, porém, através de listas de emails, links para chamadas em alguns sites, conseguimos encontrar as listas de grupos de trabalhos das edições realizadas nessa última década, entre 2011 e 2019.

Os grupos de trabalho são propostos a partir de chamadas públicas, sendo coordenados por ao menos dois pesquisadores de diferentes instituições, e preferencialmente de diferentes países, propiciando, assim, uma maior integração entre as antropologias do Cone Sul. A partir dos grupos, há uma chamada pública para a proposição de resumos, estes são enviados pelos autores para serem avaliados pelos coordenadores do GT, que decidem quais resumos comporão a programação final.

É importante mencionar que, apesar da sua forte vinculação com a ABA e com as demais associações nacionais de antropologia, não há requisitos com relação à titulação na área para participação na RAM, desse modo, é possível contar com a presença de pesquisadores que possuam uma interface com a antropologia, ainda que tenham uma formação mais plural. No caso da interface entre a antropologia e a educação, isso é algo fundamental, uma vez que é recorrente a existência de pesquisadores que realizaram parte de sua formação, ou toda ela, no campo educacional, ou ainda pesquisadores com formação em ciências sociais com vínculo institucional na educação, por meio das Faculdades e dos Programas de Pós-Graduação em Educação (OLIVEIRA, 2021).

Abaixo, realizamos um quadro síntese dos Grupos relacionados à temática educacional e seus respectivos coordenadores durante as cinco últimas edições da RAM:

Quadro 1 – Mapeamento dos grupos sobre educação nas últimas edições da RAM (2011-2019)

Evento	Título do Grupo	Coordenadores
IX RAM, Curitiba, Brasil	Educação das Relações Étnicorraciais no Brasil e na África: Desafios Contemporâneos	<i>Jamisse Uilson Taimo (Ministério da Ciência e Tecnologia de Moçambique), Paulo Alberto dos Santos Vieira (UNEMAT/UFSCar, Brasil), Priscila Martins Medeiros (UFMS/UFSCar, Brasil)</i>
	Etnografias e Culturas Escolares no Mundo Ibero-Latino-Americano	<i>Amurabi Oliveira (UFAL, Brasil), Sandra Tosta (PUC-MG, Brasil), Ricardo Vieira (IPL, Portugal)</i>
	Procesos educativos en los pueblos indígenas americanos: análisis socio-históricos y etnografías contemporáneas	<i>Elisabeth Coelho (UFMA, Brasil), Stella Maris García (UNLP, Argentina)</i>
X RAM, Córdoba, Argentina	La Enseñanza de la Antropología	<i>Amurabi Oliveira (UFAL, Brasil), Maximiliano Rúa (UBA, Argentina)</i>
	Antropologias, Etnografias e Educação	<i>Sandra Tosta (PUC-MG, Brasil), Andrea Valdivia (UACH, Chile)</i>
XI RAM, Montevidéu, Uruguai	Antropologia do Ensino e da Aprendizagem	<i>Amurabi Oliveira (UFSC, Brasil), Maximiliano Rúa (UBA, Argentina), María Mercedes Hirsch (UBA, Argentina)</i>
	Procesos de Educación indígena: Investigación, Extensión y Formación Docente	<i>Elizabeth Maria Beserra Coelho (UFMA, Brasil), Stella Maris García (UNLP, Argentina), María Verónica Di Caudo (UPS, Ecuador)</i>
	Educação Indígena ou Intercultural: um debate epistemológico e político	<i>Alexandre Herbetta (UFG, Brasil), Mariano Baez-Landa (CIESAS, México)</i>
	Antropología, Etnografía y Educación en contextos educativos latinoamericanos: confluencias y contribuciones recientes	<i>Maria Rosa Neufeld (UBA, Argentina), Sandra Tosta (PUC-MG, Brasil), Beatriz Diconca (UDELAR, Uruguai)</i>

Continuação

XI RAM, Montevidéu, Uruguai	Formação em antropologia e práticas educativas: gênero e sexualidades	Elisete Schwade (UFRN, Brasil), Carmen Gregorio Gil (UGR, Espanha)
	Perspectivas sobre la interculturalidad en educación: experiencias formativas y procesos de identificación de indígenas y migrantes en contextos urbanos y rurales	Maria Aparecida Bergamaschi (UFRGS, Brasil), Patricia Ames (PUCP, Peru), María Laura Diez (UNIPE/UBA/CONICET, Argentina)
	Indígenas y educación superior: políticas, experiencias y producción colaborativa de conocimientos	Ana Elisa Freitas (UFPR, Brasil), María Macarena Ossola (UNS/CONICET, Argentina)
XII RAM, Posadas, Argentina	Antropología, políticas y educadoras/es. Prácticas, convergencias y desafíos en el contexto latinoamericano	Valeria Rebolledo (DIE-CINVESTAV, México), Mercedes Hirsch (UBA, Argentina), Mariana Nemcovsky (UNR, Argentina), Vania Costa (UFRN, Brasil), Elisa Cragnolino (UNC, Argentina)
	Interculturalidad y educación. Debates regionales sobre políticas públicas, experiencias formativas e identificaciones étnicas y nacionales	Noelia Enriz (UBA, Argentina), María Laura Diez, (UNIPE/UBA/CONICET, Argentina), Maria Aparecida Bergamaschi (UFRGS, Brasil), Ana Luisa Teixeira de Menezes (UNISC, Brasil)
XIII RAM, Porto Alegre, Brasil	A formação de indígenas no contexto da educação superior: diálogos interdisciplinares, vivências interculturais e bilinguismo na América Latina	Marcos Antonio Braga de Freitas (UFRR), Luis Beltran Medina Osio (UPEL), Raimundo Nonato Pereira da Silva (UFAM – Universidade Federal do Amazonas)
	Antropologia, gênero e sexualidade em contextos educativos.	Elisete Schwade (UFRN), Fátima Weiss de Jesus (UFAM), Victoria Elizabeth Gálvez Méndez (UNAB, Chile), Tânia Welter (NIGS-UFSC-Brasil)

Fonte: Autor (2021)

É possível afirmar, a partir deste quadro, que a pesquisa educacional permaneceu no horizonte dos participantes da RAM, ainda que, em alguns momentos, ela tenha contado com uma presença mais significativa que em outros. Destaca-se a edição da XI RAM, na qual houve sete grupos de trabalho voltados para esse debate.

Em termos temáticos, podemos notar que alguns debates se destacam: a) educação escolar indígena; b) pesquisa etnográfica em educação; c) ensino de antropologia; d) educação e diversidade (gênero, sexualidade, relações étnico-raciais). Isso não significa que o debate se resuma a tais questões, porém elas ganham proeminência com relação a outras discussões. Também é importante pontuar que, em outros grupos, também há trabalhos sobre educação, que são desenvolvidos em outras interfaces como, por exemplo, com as políticas públicas, os debates sobre juventude, a questão socioambiental etc, além das demais atividades

do evento. Assim sendo, não queremos dizer com isso que toda a discussão sobre educação nas edições da RAM se reduzam às temáticas trazidas por estes GTs.

Com relação especificamente à questão da educação escolar indígena, é importante considerar a centralidade que a pesquisa com os povos originários possui na antropologia latino-americana, este tem sido um dos temas fundantes de nossa antropologia, e um tem ocupado um lugar de destaque na agenda dos antropólogos nesta região, o que tem sido amiúde articulado com o conceito de interculturalidade. Desse modo, também as pesquisas em educação acabam por refletir o lugar que essa temática possui. Além do mais, é importante considerar o próprio aumento das demandas por parte dessas populações por modelos mais inclusivos de educação, ou ainda por modelos educativos pensados a partir de suas próprias realidades socioculturais. Os antropólogos têm sido agentes relevantes no contexto dessas demandas em diferentes países, atuando como mediadores sociopolíticos na construção desses modelos educativos. Em pesquisa realizada sobre antropólogos que atuam no campo educativo no Brasil, Oliveira *et al* (2016) reafirmam a centralidade do debate sobre a educação escolar indígena, mesmo entre os pesquisadores que não indicam a educação como campo de pesquisa prioritário.

A pesquisa etnográfica em educação, por outro lado, tem se constituído historicamente como um campo de disputa entre pesquisadores com formação estrita no campo das ciências sociais, e aqueles que possuem formação em educação (VALENTE, 1996; OLIVEIRA, 2013). Mais que isso, como bem nos indica Rosistolato (2018), há ainda uma forte divergência entre aqueles que acreditam que a pesquisa etnográfica em educação é possível, e aqueles que indicam que só seria possível realizar pesquisas “do tipo etnográfico”, uma vez que a pesquisa em contexto educativo demandaria um conjunto de adaptações com relação ao que é recorrentemente realizado no campo antropológico. Poderíamos afirmar que a tônica dos grupos da RAM tende a ser bastante afirmativa com relação a tais pesquisas, indicando a pesquisa etnográfica em educação como uma possibilidade de aproximação entre o campo da educação e da antropologia.

O ensino de antropologia tem sido uma temática recorrente também nos congressos da área, podendo incorporar tanto uma discussão mais específica sobre a formação de antropólogos, como também sobre o ensino dessa ciência em outras carreiras e em outras modalidades de ensino. É bem verdade que os países latino-americanos possuem experiências substancialmente distintas nessa área, uma vez que, em países como o Brasil, o curso de ciências sociais possui tanto a formação em nível de bacharelado quanto de licenciatura

algo similar que ocorre na Argentina, que também possui licenciaturas e bacharelados em antropologia (OLIVEIRA e RÚA, 2017), ao passo que, nos demais países da região, a formação em antropologia ocorre exclusivamente através de cursos de bacharelado. O objetivo desses grupos seria, portanto, produzir uma reflexão desde a antropologia sobre o ensino da antropologia, implicando, assim, um exercício autorreflexivo.

Por fim, o debate sobre educação e diversidade também reflete novas demandas que têm surgido no campo educacional, tanto através do ingresso de novos públicos nos sistemas de ensino, quanto de novas questões que têm sido lançadas sobre sua permanência em tais espaços. É importante mencionar que o debate sobre gênero e sexualidade tem ocupado um lugar central no debate sociopolítico na América Latina, especialmente se considerarmos o pânico moral que tem sido produzido em torno da chamada “ideologia de gênero” (MISKOLCI e CAMPANA, 2017), de modo que o conhecimento produzido e acumulado na antropologia nessa área tem sido recursivamente utilizado em outros campos.

Com relação aos agentes desse campo, podemos observar uma predominância de pesquisadores brasileiros e argentinos, o que, em parte, reflete o próprio tamanho das antropologias nacionais existentes nesses países, mas também aponta para a centralidade que a pesquisa educacional possui em ambos os países. Chama a atenção que no caso argentino há uma forte concentração de pesquisadores vinculados à UBA, e mais especificamente ao programa de Antropologia e Educação, que constitui uma área bastante consolidada na Faculdade de Filosofia e Letras (BATALLÁN e NEUFELD, 2018), entre os brasileiros, há uma maior dispersão institucional, havendo ainda uma intensa participação não apenas de pesquisadores vinculados a departamentos de antropologia/ciências sociais como também às Faculdades de Educação, algo também recorrente na Reunião Brasileira de Antropologia (OLIVEIRA, 2021).

Ainda que o evento seja centrado nas antropologias de Argentina, Brasil e Uruguai, contribuíram como coordenadores de grupos na área de educação, nas últimas edições da RAM, pesquisadores de Chile, Equador, Espanha, México, Moçambique, Portugal e Peru, o que transparece as redes existentes entre os antropólogos latino-americanos e os pesquisadores de outras partes do mundo, especialmente do Sul Global⁷. Podemos inferir, ainda, que muitos dos pesquisadores que coordenaram grupos nas últimas edições da RAM, também desenvolveram

⁷ Importante mencionar que, no caso de Espanha e de Portugal, eles constituem o que recorrentemente é denominado de países do Sul da Europa, demarcando uma posição periférica na Europa. Sousa Santos (1985) chega a indicar que Portugal ocuparia um lugar de semiperiferia na Europa, categoria que semelhantemente poderia incluir a Espanha.

outras atividades relativas a essa temática a partir de outros espaços institucionais e outras redes, seja a partir das associações nacionais de antropologia em seus países, seja através de outros eventos internacionais.

Considerações Finais

Este breve ensaio objetivou pensarmos a interface entre a antropologia e a educação na América Latina a partir das edições da RAM na última década, porém longe de esgotar a temática, almejou-se destacar as configurações dessa interface a partir desse espaço institucional, que há mais de duas décadas tem agregado antropólogos do Cone Sul. Vale a pena ressaltar, mais uma vez, que as discussões sobre educação, mesmo na RAM, ultrapassam esses grupos, envolvendo também mesas redondas, e apresentação de trabalhos em outros grupos.

Pudemos observar que, apesar de reconhecermos o lugar periférico da pesquisa educacional na agenda da antropologia latino-americana, o debate em torno dessa temática tem se mantido constante em todas as edições da RAM analisadas, com momentos de maior engajamento por parte dos pesquisadores da área. Ganha especial destaque as discussões sobre a educação escolar indígena, refletindo desse modo a forte inserção dos antropólogos junto aos povos originários. De mesmo modo, a UBA se destaca como aquela instituição que concentra o maior número de pesquisadores dedicados ao tema, coordenando grupos na RAM, o que reflete a consolidação do programa de antropologia e educação existente nessa instituição.

Por fim, vale a pena destacar que este trabalho também possui um valor memória junto à RAM, possibilitando o acesso deste mapeamento a novas gerações de pesquisadores interessadas no tema. É neste processo de revisão do que foi feito que poderemos traçar novos desafios a serem enfrentados, novas agendas de pesquisa emergentes, e novos debates que fomentem uma maior interface entre a antropologia e a educação.

Referências

- BATALLÁN, Graciela; NEUFELD, María Rosa. Número especial dedicado a Antropología y Educación. *Cuadernos de antropología social*, n. 47, p. 7-19, 2018.
- EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. Cortez; Autores Associados, 1986.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: origens de um diálogo. *Cadernos Cedes*, v. 18, p. 8-25, 1997
- HIDALGO, Cecilia. 50 años de la antropología en Buenos Aires, 1958-2008. *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología*, v. 33, 2008.
- ISOLA, Nicolás José. Argentinos À brasileira. A circulação de antropólogos argentinos pelo Museu Nacional (PPGAS-MN/UFRJ). *Mana*, v. 24, p. 68-108, 2018.

- JIMENO, Myriam; ARIAS, David. La enseñanza de antropólogos en Colombia: una antropología ciudadana. **Alteridades**, v. 21, n. 41, p. 27-44, 2011.
- MELIÀ, Bartomeu. Antropólogos y antropología en el Paraguay. **Horizontes Antropológicos**, v. 3, n. 7, p. 24-35, 1997.
- MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 725-748, 2017.
- OLIVEIRA, A. A Periferia na Periferia: sobre o lugar da Antropologia da Educação na Antropologia Latino-Americana. **Universitas Humanística**, v. 89, 2020, p. 1-11.
- OLIVEIRA, Amurabi. Por que etnografia no sentido estrito e não estudos do tipo etnográfico em educação?. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 69-81, 2013.
- OLIVEIRA, Amurabi. Uma análise da antropologia da educação nas Reuniões Brasileiras de Antropologia (2000-2020). **Educação e Pesquisa**, v. 47, p. 1-15, 2021.
- OLIVEIRA, Amurabi; BÚRIGO, Beatriz Demboski; BOIN, Felipe. A Antropologia, os Antropólogos e a Educação no Brasil. **Revista Anthropológicas**, v. 27, n. 1, p. 21-44, 2016.
- OLIVEIRA, Amurabi; RÚA, Maximiliano. Formação de professores para o ensino de antropologia no Brasil e na Argentina. **Perspectiva**, v. 35, n. 1, p. 92-112, 2017.
- PI HUGARTE, Renzo. Sobre la Antropología en el Uruguay. **Horizontes antropológicos**, v. 3, p. 36-61, 1997.
- ROMERO, Óscar Armando Hernández. Hacia una antropología de la educación en América Latina desde la obra de Paulo Freire. **Magistro**, v. 4, n. 8, p. 19-32, 2010.
- ROSISTOLATO, RPR. A liberdade dos etnógrafos em educação e seu mosaico interpretativo. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 13, n. 26, p. 1-9, 2018.
- SOUSA SANTOS, Boaventura. Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português. **Analise social**, v. 21, n. 87/88/89, p. 869-901, 1985.
- VALENTE, Ana Lúcia EF. Usos e abusos da antropologia na pesquisa educacional. **Pro-Posições**, v. 7, n. 2, p. 54-64, 1996.

Amurabi Oliveira

Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política
da Universidade Federal de Santa Catarina.
Membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências.
Membro afiliado da Global Young Academy.
Pesquisador do CNPq.
Email: amurabi_cs@hotmail.com.